

Simbioses

Prémio “Revelação” de Poesia de 1979

**Associação Portuguesa de Escritores
em colaboração com a Secretaria de Estado da Cultura**

Obra publicada pela Editora Arcádia, Lisboa, em 1980

Vitorino de Sousa

Prefácio de Alberto Pimenta

AO LEITOR:

Apresentação de *vitorino de sousa* de convivência com *joão alexandre barbosa*.

Tenho a certeza que branda mente te aleitaste (te a lei t haste ou te a lei tou a lei da palavra: foste desde cedo lavrado pela pa lavra (como toda a gente, claro, mas aposto que na tua boca a multiplicaste (a multi plic haste e com ela forraste (forr haste a tua capa cidade de tudo conhecer — também e sobretudo puetas (punh etas. mas nunca reparaste (repar haste no

Início: não apenas o começo da poesia moderna mas a poesia como começo. É claro que a pergunta seguinte é vertiginosa: começo de quê? Responder desde já, no entanto, seria colocar no início o fim das reflexões possíveis.

portanto branda mente te a lei haste e assim conheceste cada vez mais altas incli nações, noções, silo gismos, certezas, espe ranças, con selhos, rimas, provérbios e entendeste tudo e até os puetas (os pun hetas, que passaste (pass haste a considerar a cúpula para te ferir a cúpula; só não repar haste que

el poeta no es el que nombra las cosas, sino el que disuelve sus nombres, el que descubre que las cosas no tienen nombre y que los nombres con que las llamamos no son suyos (octávio paz.

assim dentro da tua cerca ao teu convés nadas na pia abismal das pa lavras sem idade, a tua vontade é inst ruir, const ruir, segundo as tuas altas incli nações e a tua ideia de capa cidade, pro curas nos puetas (pun hetas a de clamação do teu sonho intrauterino, gestos d'água, dedos pousados, brandos costumes debruçados, sussur antes, e não queres crer (querer que

Entre a linguagem da poesia e o leitor o poeta se instaura como o operador de enigmas, fazendo reverter a linguagem do poema a seu eminente domínio: aquele onde o dizer produz a flexibilidade.

repara, se quiseres, é este que aí tens.

Neste sentido, começar o poema equivale a repensa a sua viabilidade através da armação de novos enigmas cuja solução o leitor há de procurar não somente na personalidade do poeta mas naquilo — indício de um trajecto de leituras — aponta para a saturação dos usos da linguagem.

ainda é este que aí tens.

Por isso, o poeta moderno é aquele que sabe o que há de instável na condição de encantamento de seu texto, sempre dependente de sua condição de enigma. Consciência e história são vinculadas pelo mesmo processo de intertextualidade: o novo enigma é a resolução transitória de numerosos enigmas anteriores. Para o poeta moderno, a consciência histórica, sendo basicamente social e de classe, é também de cultura.

pronto, é ainda este que aí tens. já sabias que o novo não é o velho, e portanto não é conhecido, e portanto não é para ler branda mente, mas para re criar. experimenta.

alberto pimenta

1.

pássaros negros no podre se espelham baços

aros ne	Passam mas ficam em voo circular primeiro,
no po	grossos e feios, por cima da mancha húmida.
se	Dre nam, depois, lugubrememente, os canais do céu.
lham	Espe tam os bicos aduncos no ar quando investem, ba bando os óleos estranhos e infectos do atrito.

pássaros negros no podre se espelham baços

2.

num lago doirado, um imperador no verde

go	Num ídios à espera que se faça tarde. Em baixo, de
rado,	láb ios ao léu, vestais de branco, espalhadas, decoram
ador	doi damente o imperador na relva, os louros e a cratera.
	Uma visão tenaz de tintas, como um passeio de erva,
	imper ceptível, mas até brutal na gravação que foi
	no fundo daquilo que se fará para ficar.
	Verde jante e antiga elite de imagens em desataque.

num lago doirado, um imperador no verde

3.

o teu olhar marejado do líquido que não bebo

olhar	O teu olhar agressivo que nos separa!
ejado do	Mar grande e vil que nos separa!
quido que	Li nele. A angústia que convergiu não é essa serenidade de pestanas. Bebo , contigo bebo, a impotência e a raiva.

o teu olhar marejado do líquido que não bebo

4.

de ti vem a luz que me solta as crinas

de	Tiveste já as tuas veias picadas: -
vem	a capa que embrulha e nos transe,
luz que	metendo-nos ao longe, se crê.
as	Solta antes as rédeas do pensamento e às crinas solta-as no ar do vento!

de ti vem a luz que me solta as crinas

5.

áptero siando no limbo da memória perturbada

tero	A pareço num fauno entre os caules,
ando no	s inalizando as mordidas do orvalho.
bo da	L impo o suor ao espantalho oco, para
mória	m ergulhar amanhã no pego sem tona.
turbada	P erto, contudo, o mesmo horizonte e a espera.

áptero siando no limbo da memória perturbada

- A expressão “áptero siando” é uma contradição em termos, já que “áptero” significa “sem asas” e “siando”, significa “fechar as asas para descer mais depressa”. Aceita-se, no entanto, dado o ambiente imaginário e onírico do poema.
-

6.

no branco das cores te fundiste à nascença

no	B oca desenhada com o sabor das linhas certas,
ranco	d as penas velhas, aparadas, que eu ainda tenho. Eis o
co	r esto que sobra para dentro e me é tão magnífico,
te	f undo e odioso. Dedo a dedo o procuro no meu barro
diste à	n arcisista e na pureza desse fim de forma de mulher.
scença	

no branco das cores te fundiste à nascença

7.

do sopé ao cume na mão, como se das águias fosse

do Sopeado em pequeno também pelo seu tamanho, foi
ao curtir a dor sem querer! Foi, depois, remanescer
me natural de todos os sítios, e aos valores
mão, como cionados perder o apego: olhar como se das
se das águias viesse em linha! Destreza, força e feles
fosforejantes no peito aflito e na mão crispada.
se

8.

no escorregar no gelo se forja o que será útil

rregar no No **esco**nso raro e estranho de esconder, um
lo se **ge**bo, mas altivo, e com a razão à bolina,
ja **for**ça o nascimento e os quês da máscara.
será O **que** faz é *puzzle* decidido, mas quase à deriva,
utilmente apertado num tremor de ideias.

no escorregar do gelo se forja o que será útil

9.

como os cães do Nilo te corro o corpo

Como-te depois o suor frio em várias voltas na
os **cat**arse das nossas forças. E és tu que esperas que,
es **do**rmente, a sombra dos meus olhos poise no teu peito,
ni **long**amente. Arrepios são os suspiros que não damos.
te **Corro**siva a ternura sedimenta-se, o olhar desvia-se.
o **Corpo** a corpo, com as ideias, o afundamento dá-se.

como os cães do Nilo te corro o corpo

10.

a enleação do espírito nas formas da angústia

a **Enlatado** na sobreposição pesada dos dias,
leação **do furo** escorre e se perde o fio que presta!
espí **Rito** estranho este, da continuação teimosa num
nas **formato** podre com matanças nos escombros!
mas da **Ângulos** vis para um poeta só, à porta dos olhos!

a enleação do espírito nas formas da angústia

11.

a força da corrida no estertor da queda

a **For**jamos o retoque em o tolo no meio da ponte:
ça **da**guerreótipo histórico doutros séculos.
 Corrida prima é, como se empresa rica fosse!
no **Estio** de ações chãs! As razões, segadas pelo alto
er **torreão**, tapam-nos o dia até de noite!
da **Que** se devolvam as asas para que não haja queda!
da

a força da corrida no estertor da queda

12.

o cantão ratado pela vileza porca

ntão **O car**cação molengo, imóvel e minado
ado **rata** mal o dolo já, e a ação feita.
vile **Pel**ado, não sente a veia oca e adorna! De
 zarpar é tempo. Mas de defeso é ainda mais
ca **por**que foi sangria apoiada e cortou rente!

o cantão ratado pela vileza porca

13.

a cabeça caída no lado áspero do sono

eça	A cáb ula do bacharel em sonhos foi arquivada.
da no	Caiu de cheio o seu teor velho, manuseado!
do ásp	Largo foi o perfil detido através dela, de um
do	erotismo próprio de uma ideia boa, cavalgada!
	Só assim o diploma foi lavrado. Mas no chão está pairando!

a cabeça caída no lado áspero do sono

14.

da sombra sai a matéria das ruas e cais de Lisboa

da	Só tão de arquivo de fados de sofrer em ais, é
mbra sai	a sombra quinada e densa desta terra minha:
maté	ria carregada de tantos tempos, tantas águas,
das	ruas que em frescas aguarelas mais amamos,
e	cais que de idas bem cheios mais choramos.
de	Lisboa de amores e templos a cair na lenda.

da sombra sai a matéria das ruas e cais de Lisboa

15.

a insolência do pingo no meio da seca

**a in
ência do pin**

Sol que estiolas tudo e tudo gretas!
Gorou-se o tempo de apetecer o nu.
No céu mal seguro apareceu a nuvem
meio por meio matizada de vento e chuva.
Da inesperada nublação, que a canícula disfarça,
se verá cair o que acabará com a seca.

a insolência do pingo no meio da seca

Aqui ficaram as “Simbioses”

“... por isso, consumindo poeta e leitor num espaço de alusões e reciprocidades, o poeta moderno é uma crítica da metáfora...

... não mais uma poesia *de* leitura: uma leitura incrustada *na* poesia, exigindo ao leitor um duplo movimento de decifração e recifração...”

Todas as citações que neste livro se fizeram de João Alexandre Barbosa, são do 1º capítulo do seu ensaio em progresso “As Ilusões da Modernidade”, publicado no nº 3 da revista ATRAVÉS, S. Paulo, 1979 (Livraria Duas Cidades).